

PLANEJAMENTO URBANO: A EVOLUÇÃO DO PLANEJAMENTO PARA UMA CIDADE IDEAL

PINTO, Caroline Valério Teixeira¹
GODOIS, Holana Cristina²
OLIVEIRA, Karina Kobata Garcia³
CRISTO, Larissa⁴
MADUREIRA, Eduardo Miguel Prata⁵

RESUMO

O planejamento urbano veio para resolver alguns dos principais problemas enfrentados pelas cidades. Sua evolução ocorreu através de uma busca pelo modelo de cidade que fosse ideal para todos, tanto pedestres como automóveis. Com isso, profissionais de diversas áreas começaram a teorizar sobre o assunto, contribuindo com o urbanista nesse processo de desenvolvimento urbano. Juntamente com o planejamento, vem o desenho urbano, que trabalha em cima do embelezamento e da funcionalidade das cidades, como um método de reduzir os impactos negativos da urbanização, através de processos conscientes e inconscientes. Portanto o desenho urbano acompanha o planejamento, servindo como seu complemento.

PALAVRAS-CHAVE: Planejamento. Desenho. Urbanização. Impactos. Desenvolvimento.

1. INTRODUÇÃO

O planejamento urbano consiste na elaboração e no desenvolvimento de programas que buscam a melhoria das cidades, visando à mobilidade urbana, qualidade de vida, disciplina no ambiente urbano, estruturação e apropriação do espaço urbano.

O estudo do urbanismo ocupa-se da ocupação, da mobilidade e de como serão os espaços urbanos no futuro. Desta forma, é importante e necessário que haja um planejamento específico para cada cidade, buscando estabelecer mecanismos de controle dos processos urbanos ao longo do tempo.

Assim, considera-se que este trabalho se justifica uma vez que visa resgatar a evolução histórica do urbanismo, contribuindo para um melhor planejamento urbano. Nesse sentido, estabeleceu-se como problema de pesquisa: como se deu a evolução do estudo do planejamento urbano? Buscando responder ao problema proposto, estabeleceu-se como objetivo geral analisar a

¹ Aluna do oitavo período de arquitetura e urbanismo do Centro Universitário FAG. Email: carolinev_araujo@hotmail.com

² Aluna do oitavo período de arquitetura e urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: holanagodois@hotmail.com

³ Aluna do oitavo período de arquitetura e urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: karina_kobata@hotmail.com

⁴ Aluna do oitavo período de arquitetura e urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: larissadcristo@hotmail.com

⁵ Economista. Mestre em Desenvolvimento Regional. Professor do Centro Universitário FAG e da Faculdade Dom Bosco. E-mail: eduardo@fag.edu.br

importância do planejamento urbano para a sociedade em geral, buscando evidenciar as diferenças mais significativas entre cidades planejadas e as com falta de planejamento, destacando os principais problemas que afetam as cidades sem planejamento urbano. De modo específico, pretendeu-se com esse artigo: analisar a importância do planejamento urbano para a sociedade em geral; evidenciar a diferença entre cidades planejadas e as com falta de planejamento; destacar os principais problemas que afetam as cidades sem planejamento urbano.

Este artigo utilizou-se da Revisão Bibliográfica como metodologia de trabalho. A revisão bibliográfica para Marconi e Lakatos (2003), a revisão bibliográfica nada mais é que um resumo de informações importantes sobre o trabalho elaborado, capaz de fornecer informações importantes relacionadas ao tema. Assim, a pesquisa bibliográfica não é somente uma idéia do que já foi elaborado sobre certo assunto, e sim um apoio ou referencial, para novas análises e conclusões (MARCONI e LAKATOS, 2003). A seguir inicia-se essa revisão bibliográfica com o item Fundamentação Teórica.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A EVOLUÇÃO DO PLANEJAMENTO

A expressão “planejamento urbano” vem de dois países diferentes: Inglaterra e Estados Unidos. Ela marca uma transformação na forma de enxergarmos a cidade e todos os problemas que vem junto de si. Segundo Saboya (2008), o surgimento do planejamento veio como uma resposta aos diversos problemas que as cidades enfrentavam, tanto aqueles causados pelo urbanismo moderno quanto os que não eram resolvidos por ele. Quando o número de pessoas de uma determinada cidade aumenta e ela começa a crescer, significa que está ocorrendo um processo de urbanização e então, na mesma, deve ser realizado um planejamento urbano. Segundo MARICATO (2001), a urbanização é a construção de uma determinada cidade, pois nela são instituídos os espaços que atendem às necessidades de toda a população, os quais devem proporcionar bem estar e qualidade de vida para todos. Portanto, a mesma deve possuir infra-estrutura e equipamentos que garantam as funções urbanas.

A evolução do estudo do planejamento urbano começou com a procura pelo modelo de cidade ideal e universal para solução de problemas práticos e concretos. Para KOHLSDORF (1985), uma das importantes mudanças refere-se ao reconhecimento do fenômeno urbano como algo dinâmico, o que leva a acreditar que a cidade está, de alguma maneira, evoluindo no tempo como consequência de sua própria história. Portanto, com isso, a cidade deixa de ser vista como um modelo ideal a ser concebido pelos urbanistas e passa a ser o produto de um determinado contexto histórico. Isso levou a outra mudança importante, que foi a entrada de profissionais de diversas áreas, cada um com a sua própria visão sobre os problemas da cidade, havendo uma redução no papel do arquiteto no desenvolvimento das cidades. KOHLSDORF (1985) argumenta que assim que a cidade recebeu a colaboração de sociólogos, historiadores, economistas, juristas, geógrafos, psicólogos etc., a definição de cidade realizada pela arquitetura entrou na maior crise de toda a história.

2.2 DESENHO URBANO

O desenho urbano é um processo que aponta à transformação dos espaços urbanos e suas formas, ao trabalhar a funcionalidade e a aparência do município. Desse modo, ele age como uma ferramenta que reduz os impactos negativos que a urbanização desequilibrada gera no meio ambiente. Segundo Del Rio (1990), seu principal objetivo é a forma em suas características físico-espaciais e a relação com a população que usufrui desses espaços. Para ele o desenho urbano trata a dimensão físico-ambiental da cidade, juntamente com as percepções e ações cotidianas. No termo "urbano" também se inclui as vilas e bairros, não somente as cidades, enquanto "desenho", é o processo de organização e produção desses espaços, pois o sentido do termo pode ser vinculado tanto a um produto quanto a um processo (CARMONA; TIESDELL, 2007, p. 1).

Figura 1 – Croqui de Desenho Urbano



Fonte: Primi & Appoloni Arquitetura (2016)

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2012), quando o desenho urbano é visto como produto, ele mostra as características de uma determinada forma urbana concretizada ou idealizada, qualificando-a. Em contrapartida, como processo, ele pode acontecer de duas formas, envolvendo diversos agentes: inconsciente ou consciente.

Hepner (2010, p. 41) diz que o processo inconsciente acontece através da sobreposição difusa de decisões e intervenções, em escala parcial menor, sobre a forma urbana. Para Carmona, (2003) esse é o processo onde a maior parte das inserções sobre a forma urbana é materializada, desde quando se iniciou as conformações dos assentamentos urbanos. Ainda para Carmona, (2003), o desenho urbano torna-se consciente, quando a forma urbana se torna objeto de um processo de entendimento antes de sua consolidação sobre o espaço. Seu principal objetivo é demonstrar uma intenção específica e orientar a configuração da forma urbana idealizada, podendo seguir diversas metodologias ou procedimentos para isso. Dessa forma, pode-se afirmar que o desenho urbano, de maneira consciente ou inconsciente, está sempre presente na produção de uma cidade.

Segundo Lynch (2010), desde 1960 já se falava sobre o processo consciente de desenho urbano como uma ferramenta necessária perante a intensificação do processo de urbanização. Observa-se que algumas formas urbanas resultantes de processos inconscientes favorecem características, que são freqüentemente mimetizadas por meio de processos conscientes de desenho urbano, na busca por essas mesmas características. Para Tibbalds (2001), esse deve desenvolver as principais características do lugar enquanto território, respeitando sua particularidade e complexidade, mantendo a beleza de ver pessoas se deslocando por esses lugares.

Figura 2 – Projeto com Planejamento Urbano



Fonte: Primi & Appoloni Arquitetura (2016)

O processo de desenho urbano inconsciente origina um desenho urbano produto onde se encontram características orgânicas e espontâneas, em níveis de qualidade diferentes. A concepção do desenho urbano sob esse processo consente a desmistificação das casualidades e sua afirmativa como a produção social da cidade. Sua forma, algumas vezes, não é intencional e nem é acidental. (BARNETT, 1982, p. 9-10, tradução nossa).

A maior parte das cidades grandes tomam formas sob a coexistência de suas duas faces. Mesmo que a forma urbana não resulte de um projeto consciente de desenho urbano, há uma disposição para estabelecer esse vínculo. Dessa forma, o desenho urbano preocupa-se com o desenho dos espaços e com o cenário de comportamentos e atividades, focando-se nas várias atividades que colaboram com a concepção de espaços urbanos de sucesso e, principalmente com a estrutura física que suporta essas propostas. Esse entendimento implica-se em uma relação entre as idéias, os conceitos e os elementos de projeto com diretrizes de gestão e intervenção do espaço público coletivo. Segundo Maricato (2000), deve-se preocupar em reiterar a importância da cidade, não apenas nas partes legais, mas sim para o todo.

O desenho urbano tem uma grande relação profissional e conceitual com a arquitetura, o urbanismo e com o planejamento urbano. Para Del Rio (1990), ele é a área específica de atuação do

urbanismo, o detalhamento de um projeto maior de intervenção. Esse desenho é mantido como um detalhe do projeto de intervenção, porém, muitas vezes, ele é confundido na hierarquia entre urbanismo e planejamento urbano. Ultramari (2009) afirma que ele é o resultado da técnica da ergonomia, tecnologia, utilização por veículos e do uso intenso dentro de um espaço urbano, o que faz com que ele tenha uma relação muito mais com a função do que com a forma.

Figura 3 – Planejamento dos Espaços Urbanos



Fonte: Primi & Appoloni Arquitetura (2016)

Lang (2005) se posiciona com neutralidade em seus estudos sobre o desenho urbano. Ele distribui o processo de desenho urbano em quatro grupos, através da ideia de que o desenho urbano pode contemplar a cidade como um todo, determinando até a forma dos edifícios e suas características particulares. O primeiro grupo, chamado de “total urban design”, é onde o processo consciente de desenho urbano envolve projetos de grande escala para domínio público e para a arquitetura. O segundo grupo, denominado “all-of-a-pieceurban design”, é proposto quando o Estado é incapacitado de realizar a intervenção que deseja, por falta de investimento. Com isso, é elaborado um projeto único por um grupo de profissionais específico, possibilitando a realização de um produto para o lugar. O terceiro grupo, “piece-by-pieceurban design”, traz como objetivo principal, assumir a escala de bairros como um todo, não individualmente nos edifícios da cidade, sendo o que mais se aproxima do planejamento urbano. O quarto e último grupo, “plug-in urban design”, depende de decisões do Poder Público implantar infraestrutura. Isso pode acontecer de

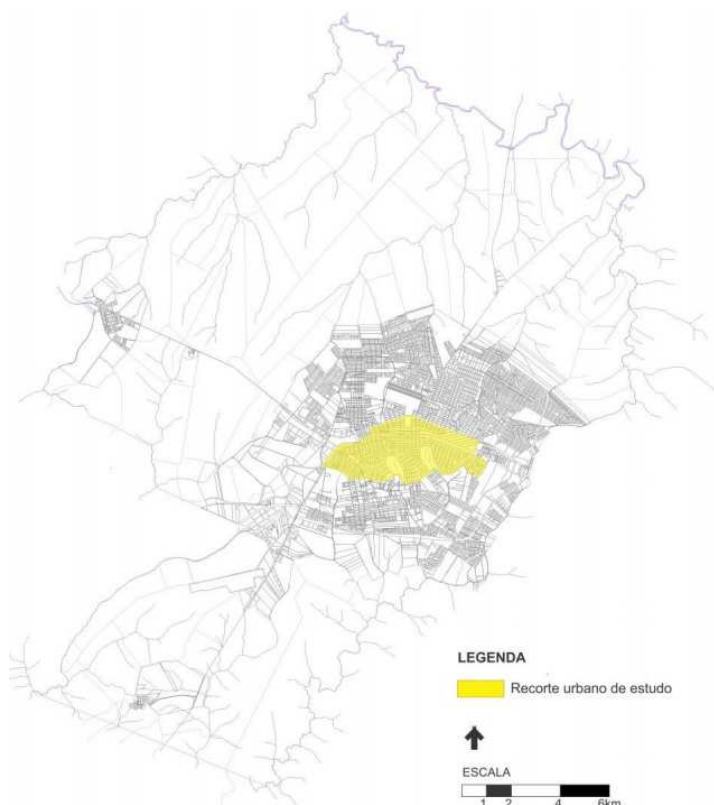
duas formas: a infraestrutura pode ser inserida em locais sem ocupação ou em uma área urbana já materializada. Lang (2005) analisa de forma positiva o desenho urbano como um processo que pode ser analisado em múltiplos sentidos, a partir de várias conexões e situações, com outros processos.

O arquiteto dinamarquês Jan Gehl é uma referência a nível mundial em temáticas referentes ao desenho urbano e aos espaços públicos.

2.2.2 Maringá

A cidade de Maringá é considerada umex-novo. Ela se relaciona a um grande empreendimento no setor imobiliário e, também, no agrícola, que é consequência dos pioneiros da cidade, os quais avançaram em direção da região norte Paranaense e à região noroeste de São Paulo, em meados do século XX. Eles tiveram como eixo principal as ferrovias então abertas e deram lugares cafezais onde antes era a mata atlântica. (RENATO LEÃO REGO, 2001)

Figura 4 – Município de Maringá



Fonte: Gonçalves e Meneguetti (2015, p. 105)

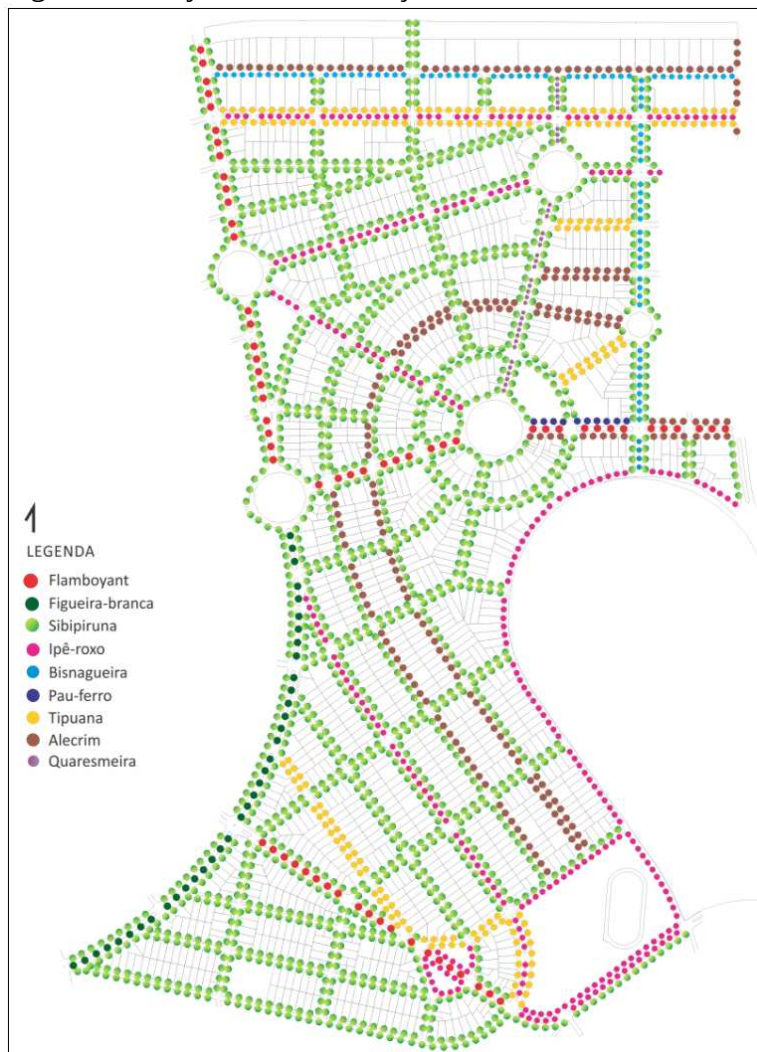
Segundo Rego (2001), Para escolher o traçado da cidade de Maringá, foram tomadas como referências três preexistências fundamentais no sítio: os dois pequenos vales posicionados ao sul e a linha férrea no sentido Leste-Oeste. Os vales foram demarcados como parques urbanos, preservando as duas nascentes que existiam neles, e entre eles foi posicionado o centro da vida comunitária em uma área praticamente plana.

Segundo o site do Município de Maringá, o projeto para a cidade foi realizado em 1943 e assinado pelo urbanista Jorge de Macedo Vieira, o qual era adepto do conceito "Cidade jardim", elaborado pelo britânico Ebenezer Howard. O site do Município de Maringá relata que, o traçado de Maringá foi desenhado com largas avenidas, canteiros que valorizam o paisagismo e ruas que adotavam a inclinação natural do relevo, o mais fielmente possível. Jorge de Macedo Vieira, o urbanista responsável nunca esteve na cidade, o mesmo finalizou o projeto se baseando em fotos do local.

Em Maringá, dentro dos bairros também encontra-se centros que atuam como um ponto de foco dentro dessas zonas, dando a sensação de que estamos na região central da cidade. Rego (2001) aponta tal fator como uma hierarquia dos espaços urbanos, que identifica a área de maneira mais fácil. Há bastante praças e parques na cidade, que se resultaram através do traçado das vias, como é o caso dos 'redondos', cuja forma circular é determinada por fatores como: uma melhor circulação; articulação entre a malha regular e o traçado orgânico; ou ainda para criar o centro secundário de uma zona, onde ganham um projeto formal específico para aquele lugar. Este centro é definido por edifícios públicos ou centros comerciais presentes sobre áreas abertas. No projeto da cidade se pode notar a presença de três zonas: residenciais, zona industrial, zona comercial e as dependências juntamente com armazéns da estrada de ferro nas áreas comerciais. Em cada bairro possui uma praça que cerca o núcleo comercial.

Em 1949 Maringá recebeu um engenheiro florestal especializado em botânica para, rapidamente, arborizar a cidade, que tinha uma paisagem marcada pelas queimadas. A arborização urbana da cidade ficou como "decoração natural" onde cada rua recebeu uma arborização diferente, plantando-se uma espécie diferente de árvore em cada via, diferente das vizinhas, e deixando cada uma com sua própria individualidade, deixando de lado a monotonia da cidade e ressaltando sua parte estética. Desta forma, a vegetação favorece a questão urbana, dando mais vida para a cidade. Com isso, certas avenidas da cidade de Maringá podem ser identificadas por sua vegetação característica. (RENATO LEÃO REGO, 2001).

Figura 5 – Projeto de Arborização da Zona 04



Fonte: Gonçalves e Meneguetti (2015, p. 108)

O Jornal O diário (2015), afirma que o projeto da cidade já previa uma avenida que cruzasse a cidade de uma ponta a outra, a Avenida Brasil, de 7.450 metros. A preocupação com o meio ambiente e a qualidade de vida da população local sempre estiveram presentes no planejamento do urbanista, que desenhou dois "pulmões verdes" localizados dentro da cidade que seriam o Parque do Ingá e o Bosque II, que seria rebatizado, em 1983, como "Parque Floresta dos Pioneiros" pela lei municipal 1.649/83, que serve para garantir a preservação da mata nativa, além de prever a manutenção da mata nos fundos de vale da cidade. Outro pulmão verde que acabou surgindo em Maringá foi o Horto Florestal Dr. Luiz Teixeira Mendes, primeiro viveiro de mudas da cidade, que desde 2003 está fechado ao público e já tem petição para que o mesmo seja reaberto ao público.

Figura 6 - Parque do Ingá



Fonte: Notícias de Rolândia (2013).

Segundo Rego (2001), A consideração do que já existia no local como base para o projeto da cidade, o traçado irregular juntamente com as características naturais do terreno, a presença de vegetação na composição do espaço urbano, o aspecto orgânico na malha urbana contrastando com o traçado regular na área central, a forma das praças, a criação de núcleos de edifícios e espaços públicos, a estrutura de bairros com centros, as ruas e suas caracterizações, a valorização da individualidade urbana a partir das particularidades de cada contexto fazem com que Maringá seja considerada uma cidade-jardim.

Segundo o Jornal O diário (2015), Maringá foi destaque nacional por conta de sua organização e planejamento. A revista Exame, em uma de suas reportagens, destacou que o planejamento urbano de Maringá foi considerado o melhor do País, com nota 7,9 em um índice de que ia de 0 a 8. Além disso, a cidade ainda ocupa o 16º lugar entre as mais inteligentes do País. O Jornal O diário (2015), ainda ressalta que, além de Maringá ser uma cidade exemplo em planejamento urbano, a mesma ainda possui o Portal “GeoMaringá”, sistema de geoprocessamento desenvolvido para disponibilizar dados com especificação geográfica para o uso da população. A cidade ainda conta com o programa “Agiliza Obras”, que moderniza e diminui a burocracia do processo de concessão de alvarás de construção, fazendo com que o mesmo seja emitido em 30

dias, um período bem significativo, se comparado a outras cidades que levam 180 dias para liberação do mesmo.

O Jornal O diário (2015), lembra que o prefeito Carlos Roberto Pupin, da cidade de Maringá, só alcançou essa posição devido ao trabalho realizado em parceria com a sociedade para que pudesse oferecer uma qualidade de vida melhor a população.

2.2.3 O desenho urbano e a ideia de Cidade Jardim

Essa individualidade alcançada pela aproximação do desenho urbano com as condições naturais do local transformava-se em “irregularidades artisticamente organizadas”, antigamente valorizadas por Sitte (1992) como um ponto positivo nas configurações do espaço urbano. Unwin (1984-93) restabeleceu este ponto, não defendendo o “formalismo irregular”, mas insistindo nas características do sítio e das irregularidades decorrentes delas, considerando sempre a beleza extraída das duas categorias: o regular e o irregular.

O formalismo de seu desenho deve estar inferior a implantação, a ondulação do terreno e a presença de elementos naturais a ser preservado por sua beleza, o que demanda certo distanciamento da absoluta regularidade. A regularidade deve levar a prática intencional precisa do urbanista, não como um objetivo de se justificar a destruição da beleza existente ou a criação de regularidades. É importante ressaltar o cuidado de Vieira ao desenhar as concordâncias entre retas e curvas na malha urbana maringaenses.

Rego (2001) afirma que para formar o desenho da cidade, as curvas de níveis foram um fator determinante, pois foi através delas e da topográfica, que se resolveu a alongada forma urbana juntamente com o traçado orgânico nas principais vias da cidade. A ligação com o ambiente natural ocasionou um traço irregular na maior parte da malha urbana, opondo-se a regularidade e simetria presentes na região central da cidade, onde certo formalismo e monumentalidade são importantes para garantir um “caráter mais artístico” ao traçado urbano e trazendo a individualidade do desenho da cidade através das características naturais.

Figura 8 – Projeto de Maringá, Traçado de Jorge de Macedo Vieira



Fonte: Gonçalves e Meneguetti (2015, p. 103)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentaram um panorama que possibilitou a identificação de diversos aspectos do planejamento urbano, em destaque o desenho urbano. Também ajudou na investigação de novas formas de configurações, visando à integridade natural do local, que passava a idéia irregularidade organizada. Desta forma vemos a contribuição do planejamento dentro de uma cidade, que se unem através de um planejamento, criando um programa de ocupação e mobilidade urbana, assim, se tornando necessário.

Assim, constatamos que o planejamento é necessário para a integridade e desenvolvimento de espaços urbanos, buscando estabelecer ideologias de trabalho para o progresso das cidades.

REFERÊNCIAS

ANG, Jon. **Urban design: a typology of procedures and products**. Burlington: Architectural Press, 2005.

BARNETT, Jonathan. **An introduction to urban design**. New York: Harper & Row, 1982.

CARMONA, Matthew *et al.* **Public places: urban places: the dimensions of urban design.** Burlington: Architectural Press, 2003.

CARMONA, Matthew; TIESDELL, Steve. **Urban design reader.** Burlington: Architectural Press, 2007.

CONSTANZA, Martínez Gaete. **5 conselhos de desenho urbano, por Jan Gehl.** 2016. Acesso em: 23/09/2016 Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/794345/5-conselhos-de-desenho-urbano-por-jan-gehl>

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento.** São Paulo: Pini, 1990.

HEPNER, Alexandre. **Desenho urbano, capital e ideologia em São Paulo: centralidade e forma urbana na marginal do rio Pinheiros.** Dissertação. (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

GONÇALVES, A.; MENEGUETTI, K. S. Projeto de Arborização como patrimônio da cidade. **Ambiente Construído.** Porto Alegre, v. 15, n. 1, jan/mar, 2015, p. 99-118.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARINGÁ – PREFEITURA MUNICIPAL. **Dados municipais.** 2001. Disponível em: <http://www2.maringa.pr.gov.br/turismo/?cod=nossa-cidade/2>. Acesso em: 07/10/2016

NOGUEIRA, Caroline Sheffer; BIDARRA, Zelimar Soares. Como pode funcionar o interesse social no planejamento dos centros urbanos? **Urbicentros.** 2012. Acesso em: 24/08/2016

NOTÍCIAS DE ROLÂNDIA. **Maringá tem qualidade de vida: uma das melhores do Brasil.** 2013. Disponível em: <http://noticiasderolandia.blogspot.com.br/2013/11/maringa-tem-qualidade-de-vida-uma-das.html>. Acesso em 15/10/2016.

PRIMI & APPOLONI ARQUITETURA. **Planejamento e Desenho Urbano.** 2016. Disponível em: http://primiappoloni.com.br/?page_id=175. Acesso em: 15/10/2016.

SABOYA, Renato. O surgimento do Planejamento Urbano. **Urbanidades.** 208. Disponível em: <http://urbanidades.arq.br/2008/03/o-surgimento-do-planejamento-urbano/>. Acesso em: 22/08/2016

SITTE, C. **A construção de cidades segundo princípios artísticos.** São Paulo: Ática, 1992.

TEIXEIRA, Maria Fernanda Incote Montanha. Conceitos Contemporâneos Sobre Planejamento Urbano, Desenho Urbano e sua Relação. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo.** Curitiba, 2013.

TIBBALDS, F. **Mind the gap!** A personal view of the value of urban design in the late twentieth century. The Planner, 1988.

ULTRAMARI, Clóvis. **Significado do urbanismo**. São Paulo, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/43614-52067-1-PB.pdf>. Acesso em: 23/09/2016

UNWIN, R. **La practica del urbanismo. Una introducción AL arte de proyectar ciudades e barrios**. Barcelona: GG, 1984. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciTechnol/article/view/2801/1853>. Acesso em: 07/10/2016

VIEIRA, J.M. Entrevista concedida à equipe do Serviço de Recursos Audiovisuais da Secretaria de Educação e Cultura de Maringá. 1972. **Acervo Divisão de Patrimônio Histórico e Cultural da Prefeitura Municipal de Maringá**. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciTechnol/article/view/2801/1853>. Acesso em: 07/10/2016